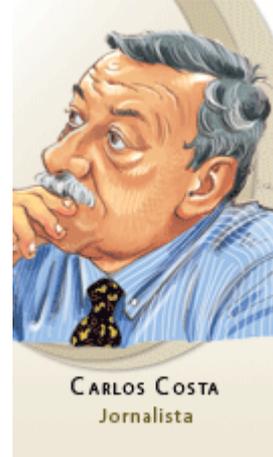




## Direito & Mídia: Impressões de uma viagem à China – Mao e China Mobile

Spacca

Num tempo de carência de imagem, em que a televisão ainda não havia chegado aos rincões brasileiros, colecionei na infância alguns ídolos em selos. Foi pelas pequenas estampas que conheci o poeta indiano Rabindranath Tagore, de quem os Correios lançaram em 1961 um selo comemorativo dos 100 anos de nascimento, no valor de Cr\$ 10,00. Impressionava sua figura com imensa barba. Outro ícone daqueles tempos foi o imperador da Abissínia, Hailé Sellasié, visitante extemporâneo que merecera estampar um selo postal, um ano antes. Outra fonte eram as visitas à então pujante cidade de Londrina onde nasci, autodenominada “capital mundial do café”. O presidente Café Filho esteve no município, desfilando pela Avenida Paraná, assim como a futura deputada federal Edna Lott, em campanha pelo pai à presidência da República, apresentando-se na Arol, a Associação Recreativa e Operária Londrinense, um clube de afrodescendentes.



Mao Tsé Tung, hoje chamado de Mao Zedong, não esteve em Londrina e nem foi selo de nosso Correio, mas é um ícone daqueles tempos. Não pela imagem, que fui conferir mais tarde (talvez nas páginas da revista *O Cruzeiro*), mas pela famosa frase “A longa caminhada começa com o primeiro passo”, antigo provérbio chinês a ele atribuído.

Hoje, após tantos anos e com as reviravoltas que a História dá, a imagem do líder presente na Praça da Paz Celestial, em Pequim, trouxe essa reflexão. Como a Itabira do poema de Carlos Drummond de Andrade, Mao parece ser apenas uma foto naquela parede. A visão que tem hoje o cidadão chinês mudou. A revisão crítica, em resumo, mostra que ele foi um grande líder e um péssimo gestor.

No afã de fazer a longa caminhada iniciada em 1949 se tornar uma corrida de 100 metros rasos, Mao tomou medidas que deixaram a China quase uma terra arrasada. Os projetos de reforma agrária e a criação de fazendas coletivas provocaram as grandes fomes de 1958 e 1962, quando mais de 45 milhões de chineses morreram de fome. A seguir, a voracidade da Revolução Cultural (1965-1971) fechou as universidades e obrigou professores e eminentes pesquisadores a trabalhos forçados e manuais, para a reeducação contra os vícios burgueses das mãos impecáveis. Como na metáfora jornalística, era preciso sujar as mãos, criar calos para demonstrar que o camarada deixara de lado as mordomias intelectuais. O que isso representou em atraso no campo da pesquisa e da inovação é inimaginável, algo que a China busca recuperar, agora sim, numa corrida veloz em busca do tempo perdido.

Na época em que a China esteve na iminência de confronto com a Rússia, a política de incentivo à fertilidade, para contar com novos combatentes, levou o país à explosão populacional (que durante o período da liderança de Mao cresceu de 550 a mais de 900 milhões). Hoje, como se sabe, há um estrito controle da natalidade (um filho por casal, com a exceção de que, sendo o primeiro uma menina, há a possibilidade de tentar um segundo filho varão). Isso se explica: é o filho varão que dará aos pais a garantia de assistência na velhice, pois a filha ao se casar passa a fazer parte da família do marido, sem



---

compromissos com a velhice dos pais. A segurança social é um dos problemas não resolvidos na China, o que em parte explica a preocupação com o acúmulo de economias, levando à geração de poupança, umas das riquezas do país.

No entanto, Mao foi o grande líder. Não seria fácil comandar um país com quase uma centena de diferentes etnias (são oficialmente 56) e com tamanha extensão territorial (é o único país do mundo que divide fronteiras com outros 14 Estados). Mao foi o timoneiro que colocou a China no caminho da dimensão que ocupa hoje. E o país que ele assumiu em 1949 estava exaurido, pelas sucessivas guerras civis e ocupações.

Já em 1912, quando o golpe de Estado pôs fim ao decadente império da enfraquecida Dinastia Quing (Pu Yi, o último imperador), a China era um parque de diversões disputado pelas potências do final do século XIX, com Inglaterra (sempre os ingleses), França e Estados Unidos impondo condições e decidindo quais regiões do país queriam ter como suseranos. Os anos dourados de paz e prosperidade da Dinastia Tang (618 a 907), quando o país atingiu seu maior tamanho e inventou a impressão pela xilogravura, ou da longa e esclarecida Dinastia Ming (1368-1644), a construtora do complexo palaciano conhecido com a Cidade Proibida, no coração de Pequim, haviam ficado muito para trás.

Num país enfraquecido durante a primeira República, com a disputa entre os nacionalistas do Kuomintang no poder e os comunistas na oposição, até o Tibete, um aliado milenar, expulsou os chineses, declarando independência (voltaremos a falar sobre isso). Pior, com o país em frangalhos, o Japão ocupara em 1931 a Manchúria, invadindo depois boa parte do norte chinês, incluindo a sempre fervilhante Xangai e o vale do Yang Tsé-Kiang. Até hoje essa é uma questão pendente na agenda diplomática entre China e Japão, pois este nunca se desculpou pelas crueldades praticadas.

Com a expulsão japonesa ao fim da Segunda Guerra Mundial, a China entrou numa guerra civil que terminou com a declaração da República Popular, fundada por Mao em 1949.

Mao teve a fibra de colocar a unidade do país no centro de suas metas. E ganhou a parada. Tem no currículo os apontados erros da falta de paciência ao eliminar os pequenos produtores e a indústria, coletivizando a propriedade e a produção, com o Grande Salto Adiante, de 1958, e os ciclos de fome — e tragédia seguinte foi a Revolução Cultural (1965-1971). Mas ele é reconhecido como o fundamento da China potência de hoje.

Uma visita à sede da China Mobile Communications Corporation, empresa criada em 2000, é uma bela mostra da exuberância dos caminhos trilhados desde a abertura para um “socialismo capitalista”. Hoje a maior operadora de telefonia móvel do mundo, no ano passado a China Mobile ocupou a 87ª colocação no ranking das 500 maiores empresas da *Fortune*, sendo incluída entre as 50 empresas mais inovadoras do planeta. Ela opera no setor de telefonia móvel, serviços multimídia como internet e outros negócios e soluções de comunicação. Ao contrário das nossas operadoras, recentemente multadas pelo péssimo suporte aos usuários, a China Mobile tem 900 mil bases de estação, atendendo a 650 milhões de consumidores. Há quatro anos, é distinguida pelo selo de sustentabilidade pela Dow Jones americana. E agora desenvolve um ambicioso projeto de armazenamento de dados no sistema *cloud* (nuvem), em que as informações podem ser acessadas de qualquer computador.



Recentemente, lançou no Salão do Automóvel de Pequim, em abril, um sistema 4G para conectar os veículos e disponibilizar todos os serviços, de GPS e navegação a informações de trânsito em tempo real, diagnóstico remoto e resgate do veículo, além das ligações convencionais (ainda se falará sobre o trânsito nas cidades chinesas).

No total, 31 províncias são servidas pelo sistema wireless, atendendo 350 grandes cidades. A cobertura nacional é completa, com 50 canais de aplicação, que vão do monitoramento do tráfego das cidades a serviços e urgências médicas, localizando especialistas em diversas áreas de Medicina, além de controle de veículos, fornecimento de informações para aparelhos tipo TVBus. A expansão apenas começa: a empresa está presente no Paquistão, onde comprou a Paktel e opera com o nome Zong.

O que mais chamou a atenção desse observador pouco familiarizado com siglas como 4G ou TD-LTE, foi um prático modelo de checagem de compras em supermercado, exibido no showroom da China Mobile. Basta colocar as mercadorias no carrinho e passá-lo pelo sensor do caixa: todos os produtos comprados são registrados e aparece na tela a lista completa com os preços e o total a pagar. Seria o fim das filas em nossos lotados supermercados. Não é o menor dos feitos desta nova China, criada por Mao.

**Date Created**

05/09/2012